**DMA PSICOPEDAGOGIA**

**DEJANE MASCARENHAS ARAÚJO**

**SANDRA MARIA SOUZA**

**A DISLEXIA**

**SANTOS – SP**

**2013**

**Atribuições da escola, enquanto instituição que identifica os primeiros sinais desse distúrbio**

A dislexia, como dificuldade de [aprendizagem](http://pt.wikipedia.org/wiki/Aprendizagem), verificada na educação escolar, é um [distúrbio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dist%C3%BArbio) de leitura e de escrita.

Em diferentes graus, os alunos disléxicos não conseguem estabelecer a memória fonêmica, isto é, associar os fonemas às letras.

A dislexia é causa ainda ignorada na evasão escolar e uma das causas do analfabetismo funcional e está relacionado diretamente à reprovação escolar, mas por permanecer envolta no desconhecimento, na desinformação ou na informação imprecisa, não é avaliada como desencadeante de insucessos na escola, conforme apontam Johnson e Myklebust (1997).

A atuação do docente pouco qualificado para o ensino da fonologia aplicada à alfabetização ou conhecimentos linguísticos e metalinguísticos aplicados aos processos de leitura e escrita, pode retardar o diagnóstico.

“Cabe ao professor dever propor atividades que partam do real, do mundinho criança e que dirijam sua curiosidade mantendo o interesse e levando ao avanço cognitivo”. (Rousseau,1967:34)

A maioria das escolas do país oferece pouco suporte aos alunos disléxicos, em algumas são tratados como normais, e o possível baixo rendimento não é associado à dislexia.

Neste contexto entra o psicopedagogo, cujo auxílio será de valiosa importância já que ele trabalha e estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, podendo contribuir na recuperação das habilidades cognitivas, emocionais, sociais, visando o sucesso nos diversos contextos em que atua numa instituição de ensino.

Considerações ao aparente despreparo que muitas instituições de ensino têm em relação às especialidades dos alunos, muitas vezes até criando ou reforçando estigmas, podem responsabilizar por boa parte do insucesso escolar. Também, muitos casos de suicídio e de violência juvenil têm sido associados aos portadores da dislexia, em decorrência das alterações emocionais causadas por suas dificuldades.

Segundo Capovilla (2004), a intervenção escolar na dislexia tem sido feita principalmente pelos métodos de alfabetização multissensorial e o fônico. O primeiro é mais indicado para crianças mais velhas, que já possuem histórico de fracasso escolar, [e](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo_f%C3%B4nico) o segundo é recomendado para crianças mais jovens e deve ser introduzido logo no início da alfabetização.

Seguem algumas propostas da Associação Nacional de Dislexia, consideradas necessárias para que o disléxico se sinta aceito pelo professor e pelos colegas, já que o disléxico tem uma história de fracassos e cobranças que o fazem sentir-se incapaz. Então o professor precisa:

- motivá-lo, ainda que isso exija mais esforço e disponibilidade do que o dispensado aos demais alunos.

- não deve recear que seu apoio ou atenção vá acomodar o aluno disléxico ou fazê-lo sentir-se menos responsável. Após sucessivos insucessos e autoestima prejudicada, ele tende a demorar para reagir e acreditar nele mesmo.

- precisa valorizar o que o aluno gosta e faz bem feito; ressaltar os acertos, ainda que pequenos, e não enfatizar os erros; atribuir-lhe tarefas que possam fazê-lo sentir-se útil. Valorizar o esforço e interesse do aluno é dever de todo professor.

“... a criança deve ser o juiz de suas criações ou opções e estas serão educativas, na medida em que expressam influência positiva na evolução de sua inteligência, sensibilidade e socialização...” (Friedmann, 1993, p. 6)

Falar francamente sobre as dificuldades sem, porém, fazê-lo sentir-se incapaz e auxiliando-lo a superá-las; respeite o ritmo, pois a criança com dificuldade de linguagem tem problemas de processamento da informação e entender que ela precisa de mais tempo para pensar e dar sentido ao que viu e ouviu é característica de mestres em ensinar.

As crianças disléxicas, geralmente, têm problemas com testes e provas, pois comumente não conseguem ler todas as questões e escrever as respostas e, então não conseguem terminar dentro do tempo estipulado. Portanto, é recomendado que o professor leia as questões e explicite o enunciado, além de permitir tempo mais dilatado para a realização total da prova.

Muitas causas levam ao fracasso escolar, mas certamente uma das maiores é não conhecer os problemas dos alunos, neste caso em exclusivo, não identificar que tem aluno disléxico na turma.

É fato que um professor pode elevar a autoestima de um aluno estando interessado nele como pessoa e nas suas necessidades.

No caso especial do disléxico, se ele não aprende do jeito que o professor normalmente ensina, tem que procurar ensiná-lo por um método que ele aprende. Isto é o professor tem que se preocupar também com sua formação docente.

**Referências Bibliográficas**

AJURIAGUERRA, J.**Manual de Psiquiatria Infantil.** 2. ed. Rio deJaneiro: Masson do Brasil, 1970

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artes Médicas Sul, 2000.BRASIL.

**Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso Nacional,1988.

Brasil. Conselho Nacional de Educação - **Câmara de Educação Básica** ­Resolução CNE/CNB n.2 de 11 de setembro de 2001 - Brasília.

\_\_\_\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Ensino Básico. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.13

\_\_\_\_\_\_\_\_.  **Lei de Diretrizes e Bases da Educação(Lei 9.394/96)**.Congresso Nacional. Brasília, Centro Gráfico,1996.

\_\_\_\_\_\_\_\_. Ministério de Educação - **Secretaria de Educação Especial ­POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**, Brasília MEC - SEEDSP 1994.

BUENO, J. G. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 3. nº5, 7-25, 1999.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Alfabetização: método fônico**. São Paulo: Memnon, 2004.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre, ArtMed, 1991.

FREIRE, Paulo.**Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio Janeiro, Paz e Terra: 1ª Ed. 1970

FREITAS, Tânia Maria de Campos. **Tratamento psicopedagógico do jovem disléxico**. Acesso em: 05 dedezembro de 2011. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br>.

GLAT & FERNANDES, E. M. Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da Educação Especial brasileira. **Revista Inclusão**: MEC / SEESP, vol. 1, nº 1, p. 35-39, 2005.

\_\_\_\_\_\_\_. & NOGUEIRA, M. L. de L. Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. **Revista Integração**, vol. 24, ano 14, Brasília: MEC/SEESP, p.22-27, 2002.

\_\_\_\_\_\_\_. & PLETSCH, M. D. O papel da universidade frente às políticas públicas para Educação Inclusiva. **Revista Benjamim Constant**, ano 10, nº 29.

 HOUT, Anne Van, ESTIENNE, Françoise. **Dislexias: descrição, avaliação, explicação e tratamento**. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2001.

KIGUEL, Sonia Moojen. Reabilitação em Neurologia e Psiquiatria Infantil – Aspectos Psicopedagógicos. Congresso Brasileiro de Neurologia e Psiquiatria Infantil – **A Criança e o Adolescente da Década de 80**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Abenepe, vol. 2, 1983.

LOPES, João A. **Conceptualização, avaliação e intervenção nas dificuldades de aprendizagem: A sofisticada arquitectura de um equívoco**. Psiquilibrios, 2010.

MARTINS, Vicente. A dislexia em sala de aula. In PINTO, Maria Alice Leite. (Org.). **Psicopedagogia: diversas faces, múltiplos olhares**. São Paulo: Olho d"áGUA, 2003.

MAUCO, George. **Psicanálise e Educação**. (?): Editora  Moraes, 1959.

MERY, Janine. **Pedagogia curativa escolar e psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

NICO, Maria Ângela N. (2005). **Dislexia**. Disponível em http://www.dislexia.org.br. Acesso em 02/01/2012.

RICHARDSON, J. &Wydell, T. (2003). The representation and attainment of students with dyslexia in **UK higher education**. Reading andWriting: AnInterdisciplinaryJournal, 16, 475-503.

ROUSSEAU, J.J. Emílio, ou Da educação. Trad. Roberto Leal Ferreira. SãoPaulo: Martins Fontes, 1999.

SÁNCHEZ, Jesus-Nicásio García.**Dificuldades de aprendizagem e intervenção Psicopedagógica**.trad. Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artmed,2004.

SOUZA, Iracy Sá de. Psicologia: **A aprendizagem e seus problemas**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

VENTURA, LO; TRAVASSOS, SB; DA SILVA, OA; DOLAN, MA. **Dislexia e Distúrbios de Aprendizagem**. Rio de Janeiro, Cultura Médica, Cap.18 p.159-174, 2011.

ZENTI, Luciana. A arte de ser professor. In: **Revista Nova Escola**, n.136. out. 2000. São Paulo: Editora Abril. P. 17-23.

**Fontes Eletrônicas de Pesquisa**

<http://www.andislexia.org.br>. acesso em: 16 mar. 2011.

<http://pessoal.educacional.com.br/up/4380001/1946284/t202.asp>

[http://www.webartigos.com/articles/4762/1/Inclusao-Direito-De Todos/pagina1.html#ixzz1S7kOeL7b](http://www.webartigos.com/articles/4762/1/Inclusao-Direito-De%20Todos/pagina1.html#ixzz1S7kOeL7b) - acesso em 12/09/2011

<http://www.webartigos.com/articles/5190/1/Inclusao-Escolar/pagina1.html#ixzz1S7jtSM8p> - acesso em 12/07/2011